CINE-JORNAL

ANO I - N.º 44 — 17 DE AGOSTO DE 1936 DIRECTOR: FERNANDO FRAGOSO 16 PÁGINAS — PREÇO 1$00

18/8/936
BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA

Neste número: Quando elas se vestem para o banho...

René Clair, o grande realizador francês, que agora se encontra na América

Shirley Temple, numa fase difícil, durante uma partida de «tennis»

Freddie Bartholomew e Mary Pickford, os intérpretes das duas versões de «O pequeno Lord»

Astrid Alwyn, na sua residência, em São Diego

A DEUSA - MUSICA AO SERVIÇO DO DEUS - CINEMA

A música tornou-se, com o advento do sonoro, inseparável dos filmes. Se, no tempo do mudo, a orquestra descansava por vezes durante as sessões e, em alguns cinemas, era quási senão completamente dispensada, agora, com o sonoro, tudo mudou.

Por outro lado, o espectador assemelha-se no geral àquele faroleiro que, apesar dos seus ajudantes, tôdas as noites, disparavam de meio em meio minuto um tiro de canhão por causa do nevoeiro, dormia sempre beatificamente. Só acordou numa noite em que o canhão, por qualquer motivo, falhou. E acordou para preguntar que barulho era aquele...

Do mesmo modo, à fôrça de querer penetrar o argumento, a actuação e o diálogo, o espectador como que se isola do acompanhamento musical. Apenas dá por êle quando, por avaria na máquina de projecção o deixa de ouvir. A música actua, pois, nos filmes, em plano secundário.

Evidentemente, pessoas há que, por um prodigio de faculdades auditivas e visuais, conseguem, a um tempo, dominar o conjunto que se projecta e se escuta na tela. Porém, a maioria não presta à música consideração alguma. Tôda a sua atenção se concentra nos protagonistas, quer seja o simpático Chevalier, o nada formoso Wallace Beery, a divinal Marlène ou a encantadora Claudette Colbert, que os homens devoram com os homens que, se tivessem efeito corrosivo, em poucos segundos reduziriam a tela a liras e pó...

Todavia, aquele acompanhamento musical que, se por vezes é arranjo, muitas outras é original, demanda meses de estudo intenso, de labor intelectual ininterrupto e merecia, por isso, que nós os espectadores ingratos desviássemos um pouco a atenção das frases «double-sens» de Chevalier ou do irresistível «sex-appeal» daquelas numerosas estrelas do firmamento ou da Cinelândia, para a consagrarmos à excelente música que os compositores norte-americanos e europeus nos proporcionam.

Bem sei, que os tangos de Gardel, as canções principais de filmes como «Voando para o Rio de Janeiro», «A Alegre divorciada» e tantos outros, ficam no ouvido do público e, com freqüência, as entoamos, mas quem se lembra do curioso e interessante acompanhamento musical do «Médico e do Monstro», por exemplo?

Talvez não acreditem, mas posso assegurar-lhes que trabalham nas orquestras ao serviço dos estúdios de Hollywood para cima de 500 executantes e que, permanentemente, compositores de extraordinário merecimento escrevem novos temas para delícia de espectadores, que afinal os não escutam...

A música serve ainda no cinema para interpretar o efeito produzido por cenas como cargas de cavalaria e outras. Assim, nas «Cruzadas» de Cecil B. de Mille o ruído do magistral embate entre as cavalarias cristã e musulmana é primorosamente traduzido por Rudolfo Kopp que escreveu uma partitura para tal fim, apoiando-se, principalmente, nas trompas, tambores e timbales.

Outro inestimável serviço prestado pela música ao cinema foi ilustrar-lhe produções como a «Sinfonia incompleta», «Vida de Schubert» e «Chopin». Esses filmes, que viviam mais do génio musical daqueles mestres do que pròpriamente do entrecho amoroso que lhes arranjaram, podem ser classificados como filmes exclusivamente musicais, filmes ao serviço dos quais o público pós mais os ouvidos do que a vista.

Não exageraremos, portanto, se dissermos que é notável o papel da música no mundo do cinema, e que nem sempre o público o aprecia devidamente e o honra como merece.

OPERADOR N.º 13

Lilian Harvey e Henri Garat

Lembram-se do par famoso do *Caminho do Paraíso*, de *As ordens de vossa alteza* e de tantos outros filmes? Pois vamos ver novamente Lilian Harvey e Henri Garat, num filme que estão interpretando em Berlim e que se intitula *Les Veinards*.

Os filmes franceses na Bienal de Venesa

Segundo se afirma, a lista de filmes franceses que vão à Bienal de Veneza, é a seguinte: *Vésperas de Combate*, *L'Appel du Silence* (que ganhou a medalha da C. I. D. A. L. C.), *Anna Maria*, *Mayerling*, *Le Grand Refrain* e *La Tendre Ennemie*. Êste último filme foi aprovado por unanimidade.

No número dos documentários e curta metragem, citemos: *La Promenade dans le Ciel*, de Jean Painlevé; *La Fabrication des Bouteilles*, de Cantagrel; *Le Discobole*, de De Hubsch, e duas cinefonias: *Le Doin des enfants*, de Debussy, e *Jeune fille au jardin*.

«No caso desta lista ser definitiva, afirma a *Cinematographie Française*, temos que lamentar a ausência de *Club de Femmes*, *Sous les yeux de l'Occident*, *La Bandera*, *Le Crime de M. Lange*, etc.».

A Hungria suprime o programa duplo

O Govêrno da Hungria acaba de promulgar vários decretos, tendentes não só a fomentar e desenvolver a produção nacional, como ainda a proteger a indústria do espectáculo, arruinado por uma concorrência desenfreada.

Assim, nos diplomas em questão estabelece-se um principio de contingente de filme nacional sôbre o filme importado; fixa-se o número de sessões que cada sala pode dar; a metragem de cada programa; e proibe-se, formalmente, o programa duplo.

Nos domínios da R. K. O. novos filmes

O novo filme da grande cantora francesa Lily Pons, intitula-se *Street girl*.

— Marc Sandrich, após um curto período de férias, regressou aos estúdios. Vai dirigir Katherine Hepburn em *Portrait of a Rebel*, e, logo a seguir, Ginger Rogers em *Mother Carey's Chickens*.

— O novo filme do par Fred Astaire-Ginger Rogers intitula-se *Swing Time*. Depois dêste, interpretarão *Watch your step*.

Nervosismo...

Quando nasce um filho a qualquer artista da Colónia Cinematográfica de Hollywood, é uma tradição festejar o acontecimento com uma distribuição de charutos e bombons, no estúdio respectivo, onde o feliz pai trabalha. Charutos, aos homens; bombons, às senhoras...

Quando Frances Dee teve o seu bébé, Joel Mac Crea, o marido, chegou alvoroçado ao estúdio, pronto a cumprir o ritual do costume!

— Então!... Um pouco nervoso, não é verdade?!...

— Isso sim!?!

Exclamou Joel. De resto é o nosso segundo filho...

Mal tinha acabado estas palavras, ouviu-se uma enorme gargalhada.

A-pesar-de estar «absolutamente calmo», como dizia, Joel distribuira, a Merle Oberon e a Miriam Hopkins, dois soberbos charutos, em lugar dos bombons que lhe competiam...

Mistinguett, no cinema

Quási septugenária — seguindo o exemplo de Zaconni, que aos 78 anos interpretou o seu primeiro filme — Mistinguett, a mais parisiense de tôdas as vedetas francesas, concluiu o seu primeiro filme, *Rigolboche*, onde interpreta o principal papel.

Ursula Grabley, a gentilíssima vedeta francesa

As opiniões da semana

Jean Harlow. — Gosto de usar «roupas brancas» em flanela encarnada.

Adolfo Menjou. — É indispensável para um homem. pelo menos uma dúzia de falos.

Carole Lombard. — Em Hollywood, uma pessoa pode vestir-se, como e quando quiser.

George Raft. — Sair sem chapéu é uma indecência! *(sic)* .

Jan Kiepura. — Gostaria de poder andar sempre nú!

O famoso côro dos paulistanos pela primeira vez, no cinema

O mais famoso côro de meninos faz-se ouvir, pela primeira vez na história do cinema, no filme «Duas Cidades», baseado na clássica obra de Dickens.

De acôrdo com arranjos feitos entre os estúdios e o Reverendo William J. Finn de Nova York, o admirável côro dos paulistanos cantou cânticos sacros, que servem de fundo musical a vários episódios do filme.

O côro dos paulistanos é uma organização conhecida no mundo inteiro. Nêle figuram executantes, desde a idade de quatro até dezanove anos. Actualmente, possui 85 membros, dos quais, 45 são activos. O resto são aprendizes e crianças cujas vozes estão mudando.

A organização foi iniciada há 31 anos, em Chicago pelo padre Finn e hoje faz parte da igreja católica dos padres paulistanos, em Nova York. Há aproximadamente vinte anos que o padre Finn se estabeleceu na cidade de Nova York, continuando ali o seu trabalho até que hoje o côro por êle dirigido é considerado um dos melhores do mundo. O próprio padre Finn é muito solicitado como conferencista, sendo uma autoridade em vozes de crianças. Há cêrca de um ano o seu côro tomou parte numa representação no anfiteatro ao ar livre de Hollywood, e foram muitos depois, os concêrtos realizados pelo côro infantil, nas principais cidades dos Estados Unidos.

Roosevelt e o «Club Mickey Mouse»

O presidente dos U. S. A., Th. Roosevelt e sua espôsa, a sr.ª de Roosevelt, são membros do maior clube Mickey Mouse, que existe no mundo. O clube chama ao presidente o «chefe «Mickey». A sr.ª de Roosevelt é conhecida com o nome de «chefe Minnie».

O acontecimento deu-se quando um dos sócios mais proeminentes do Clube Mickey Mouse, de Birmingham, Estado de Alahama, visitou em Warn Springs. no Estado de Georgia, o hospital infantil para crianças entrevadas, comunidade de que a família Roosevelt tem sido a mais desvelada protectora. Ali travou conhecimento com a mulher do Presidente. Falou-lhe do Clube Mickey Mouse, de Birmingham, e pediu-lhe que se fizesse sócia.

A interpelada sorriu e declarou aceitar o convite com prazer. E acrescentou:

— Mickey Mouse?! Porque não convidam também meu marido?! Êle adora o ralo Mickey.

E aqui têm como o «cidadão n.º 1» dos Estados Unidos se tornou sócio do clube de Mickey Mouse!

Mary Carlisle e Jean Chattburn, jogam o «laranjinha», no parque dos estúdios

Descobertas, em hospitais

Há mil e uma maneiras de entrar no cinema, mas os dados estatísticos de Hollywood provam que, até agora, pelo menos, ninguém conseguiu ingressar nas portas dos estúdios, pelo simples facto de visitar uma amiga doente, numa clínica de Nova-York.

Kathryn Marlowa, uma graciosíssima rapariga, de 20 anos, logo que acabou os seus estudos universitários, dedicou-se ao canto. E foi ela a afortunada pequena que iniciou o novo método de pôr os pés nos estúdios, a que acima fazemos referência.

Kathryn, com efeito, despedia-se duma sua amiga que se encontrava, convalescente, numa clínica, quando um dos doentes lhe preguntou:

— Onde trabalha?

— Canto com uma orquestra, num hotel, perto daqui...

— ...Desligue-se da orquestra. De hoje para o futuro, será vedeta de cinema. Dentro duma hora teremos aqui um contrato pronto para ser firmado.

Vendo a cara de incredulidade com que Kathryn ficara, o singular doente sorriu e apresentou-se. Tratava-se, nada mais, nada menos, de Samuel Goldwyn, que ali se restabelecia duma operação recente. E foi assim que Kathryn Marlowa passou a ser incluída no «casl» de *Dodsworth*, de que são protagonistas Walter Huston e Ruth Chaltertou.

E ainda que pareça estranho a verdade é que na mesma semana, em Londres, foi feita outra descoberta. em circunstâncias idênticas. Trata-se de Dorothy Oldfield, uma jóvem de 21 anos, que, depois de ter passado um ano no laboratório duma clínica londrina, é agora uma das raparigas recém-chegadas aos estúdios que mais promelem.

Dorothy foi descoberta por Douglas Fairbanks, filho, durante a sua recente doença. Hoje tem um contrato por sete anos, com a Criterion.

O novo filme de Hans Albers

O realizador Guslav Ucicky segue em meados dêste mês para Athenas, acompanhado de Hans Albers e do pessoal de filmagem, a-fim-de manivelar na linda capital da Grécia as cenas de exteriores para um novo filme de Hans Albers.

Filmagens a bordo

A bordo do paquete «Bremen», do Norddeutscher Lloyd, filmaram-se, há dias, os exteriores para um novo filme da Ufa, inlitulado *Und Du mein Schatz fährst mit* (Vais comigo, meu amor), realizado por Georg Jacoby. Os papéis principais desta nova produção estão a cargo de Marika Rökk, Hans Söhnker, Paul Hoffmann, Genia Nikolaiewa, Friedel Haerlin, Alfred Abel e Oskar Simma.

"QUATRO IRMÃS" FOI DESIGNADO O MELHOR FILME DO ANO

GRETA GARBO: a melhor actriz

CHARLES BOYER: o melhor actor

Está concluído o inquérito entre os artistas de Teatro. Procurámo-lo fazer tão completo, quanto possível. O facto de estarem ausentes alguns artistas impediu-nos de conseguir a totalidade de votos. No entanto, uma maioria apreciável assegura a honestidade dos resultados. Vejam, abaixo, os curiosos resultados a que chegámos, no inquérito — o primeiro, do género, que se realiza em Portugal.

TERMINOU o grande inquérito de *Cine-Jornal*. Durante dois meses os artistas do nosso teatro emitiram as suas opiniões sôbre os melhores filmes da época e os seus artistas preferidos.

Nós, que de início receávamos bastante a conclusão a que chegaríamos, temendo ver caídas no esquecimento as boas produções cinematográficas e trazidas para a glorificação os filmes onde o teatro se mostrasse com mais pujança, encontrámo-nos altamente satisfeitos por verificar que a gente do teatro, sabe pôr de lado a sua paixão pelo palco, para dar lugares de honra às películas genuinamente cinematográficas, que vivem bastante longe dos bastidores e dos cordelinhos teatrais.

Há já algum tempo que profectizávamos a primeira classificação do inquérito para o filme de Georges Cukor *As 4 irmãs*. Logo na primeira ronda se começou desenhando uma forte inclinação, tanto de actores como de actrizses, para a prodigiosa criação do cinema americano, que v i n c e u Katherine Hepburn, como uma extraordinária artista dos tempos modernos.

Com cenas transbordantes de humanidade, imagens repletas de candura, que por vezes nos arrancam lágrimas, Cukor foi um mestre que soube pintar um quadro sem se deixar cair no abarato ficticio das situações melodramáticas.

Veja-se a morte de Jean Parker descrita com forte poder emocional, embora se apresente relatada em alguns metros de filme com uma simplicidade que a torna sumamente encantadora.

George Cukor, na sua maravilhosa produção, deixa, por vezes, de ser o realizador cinematográfico para se enverter num poeta cineasta.

Agora um sorriso que desponta, dentro em pouco um soluço que nos punge.

Aqui Katherine que nos arrasta para o bom humor com as suas facécias e o seu calão de rapaz estarola... Além a tristeza que nos toma quando a escarlatina vai pôr em sobressalto aquela santa família...

Os artistas teatrais dando o primeiro lugar *As 4 irmãs* demonstraram com firmeza que as suas opiniões eram abalisadas e que sabem ver cinema, apreciando-o e não lhe regateando aplausos quando êle os merece. Seguidamente, classificou-se, com metade da votação do filme de Katherine Hepburn, *Parada Maravilhosa de 1936*. Muito justa é a classificação alcançada pelo filme que Roy del Ruth soube realizar com espírito, alegria, beleza e acção. Quatro predicados que categorizam uma película.

Parada maravilhosa, foi o mais completo filme musical que correu nas nossas telas. As interpretações de Eleannor Powell e Robert Taylor garantiram o êxito da produção e lançaram os seus nomes, até então quási desconhecidos, aos quatro cantos do mundo.

Broadway surgiu-nos com lôda a sua v i d a dinâmica, transformada n u m «cocktail» monstro, onde não faltavam os mais exuberantes bailados, canções lindíssimas e números de música de incontestável beleza.

Bem entre que fica, pois, o segundo lugar a *Parada Maravilhosa de 1936*.

Passamos seguidamente, a apresentar aos nossos leitores a ordem porque se classificaram as principais produções que correram na última época nos nossos cinemas.

1.º — *As quatro irmãs* — 50 % da votação.
2.º — *Parada Maravilhosa*.
(*) 3.º — *Lanceiros da Índia* e *Véspera de Combate*.
(*) 4.º — *Mascarada* e *Sansão*.
(*) 5.º — *O pão nosso de cada dia*, *Último Escravo*, *Ana Karenine*, *Mundos Íntimos* e *Voando para o Rio*.

Os restantes filmes não tiveram votação apreciável que justifique a sua inclusão nesta lista.

Estrêlas

O inquérito sôbre as três estrêlas preferidas dos nossos actores, foi a parte mais espinhosa da nossa iniciativa.

Os homens confundem fàcilmente a artista com a mulher, e não poucas vezes nos sucedeu, obtermos como resposta à nossa pregunta, um elogio entusiástico aos dotes físicos da estrêla. Depois o coração do homem é mais fácil de ser manejado do que o da mulher.

Uma cara bonita, um corpo bem feito, e um sorriso «sex-appealesco» são o suficiente para nos arrastarem para a montanha escarpada do triunfo ou para o vale lamacento do opróbio...

Não é, pois, de admirar que nêste inquérito, na parte referente às estrêlas, a escala de classificação variasse em todos os números como um barómetro desarranjado.

Só no final Greta Garbo conseguiu arrancar um triunfo merecido que bastante lhe custou. Marlène Dietrich que muito a ameaçava, conseguiu ultrapassá-la para logo em seguida se deixar bater.

E Garbo venceu... apenas pela superioridade de dois votos.

Katherine Hepburn e Joan Crawford, empatando em votações, arrancaram o terceiro lugar. De notável a posição de Katherine que se firma como grande artista, embora seja a que actua há menos tempo ante a câmara.

1.º — Greta Garbo.
2.º — Marlène Dietrich.
(*) 3.º — Katherine Hebburn e Joan Crawford.
(*) 4.º — Silvya Sidney, Miriam Hopkins, Shirley Temple, Anny Ondra, Helen Hayes, Jean Parker.

Actores

Embora nas actrizes o caso esteja um pouco mais simplificado, as opiniões também se espalharam bastante.

Os actores mais em evidência, os velhos e os novos, os fortes e os delicados, todos arrecadaram votos. Porém, o grande triunfo pertencia a Charles Boyer. O genial intérprete de *Mayerling*, dominou em absoluto.

A sua superioridade sôbre os seus companheiros de arte, manifestou-se duma forma esmagadora.

Poucas foram as artistas, que, dentro dos três actores a mencionar, não citar Charles Boyer.

Desde Beatriz Costa a Irene Isidro, Boyer foi um ídolo que se venera. Para umas é o homem forte, de olhos tristes e inteligentes, que seduz numa carícia louca; para outras é o galã forte, másculo, o artista sublime que sabe encarnar os papéis e dar-lhes a expressão máxima da vida. Mas para tôdas é Charles Boyer o artista dilecto, o homem que não se esquece, o galã que se deseja...

Clark Gable vai-lhe na peügada, embora com algum atraso. Alcançou no entanto, o dôbro da votação sôbre os artistas classificados em terceiro lugar: Laughton e Harry Baur, dois actores da vanguarda, que há muito conquistaram foros de mestres na arte de representar.

Eis o quadro:

1.º — Charles Boyer.
2.º — Clark Gable.
(*) 3.º — Charles Laughton e Harry Baur.
(*) 4.º — Gary Cooper e Frederich March.
5.º — Fernand Gravey.

Os restantes actores não tiveram votação apreciável que justifique a sua inclusão nesta lista.

* *

Assim terminou o inquérito que durante dois meses correu nas nossas páginas.

A satisfação com que o encerramos compensa-nos pródigamente o que, por vezes, teve de espinhoso...

Aos artistas — os maiores da cena portuguesa — que nos distinguiram com a sua simpatia e gentileza, apresenta *Cine-Jornal* a sua homenagem.

ANTÓNIO FEIO

(*) Igual pontuação.

INEZ
GORMAN

ROBERT TAYLOR

A última revelação americana, no capítulo de galãs

ROBERT Taylor, que na América já possui uma popularidade mais que invejável, vai — dentro em muito breve — conseguir que o seu nome seja tam conhecido como o de Clark Gable.

Não julguem que descobriu um novo processo de publicidade de resultados seguros e mais que garantidos mas não julguem tam pouco que estou a exagerar.

O seu triunfo presente foi — e o seu futuro glorioso está — matemàticamente indicado. Adiante veremos a justificação do que afirmo.

A eterna história

Todos os actores de cinema, depois de se tornarem célebres, ao serem entrevistados pelos jornalistas expõem a sua entrada para os estúdios e o seu passado com uma série interminável de peripécias que estamos mesmo a adivinhar que são inventadas e só demonstrau a vaidade e a pouca inteligência de muitos dêsses senhores. (Eis porque é muito perdoável que muitas vezes sejam os próprios jornalistas os inventores dessas peripécias um tanto ou quanto fantásticas).

Pois Robert Taylor até neste pequeno pormenor se demonstrou inteligente. Conta o seu passado com uma naturalidade estranhável.

Nasceu em Nebraska, terra em que o pai exercia clínica. Estudou. Entrou para a miversidade; cursava medicina. Fizeram uma representação e entre a assistência, quási exclusivamente constituida por colegas e respectivas famílias, estava um dos dirigentes da Metro-Goldwyn. Num intervalo, foi procurá-lo e depois de dizer quem era preguntou-lhe se queria fazer cinema. Combinaram encontrar-se no dia seguinte para falarem sôbre a proposta.

Durante essa noite Bob Taylor — como todos o tratavam — pensou pela primeira vez no caso.

No dia seguinte compareceu no local combinado. Não era uma proposta para fazer cinema, mas sim um convite para ingressar na escola cinematográfica que a Metro tinha criado. Davam-lhe 35 dólares por semana. Ai veriam se êle tinha ou não qualidades para poder trabalhar para o cinema.

Robert Taylor resolveu ir... e passados poucos meses recebeu o primeiro contrato para colaborar num filme. Daqui em diante ficou sempre contratado pela Metro.

Como vêem, desta vez a eterna história complicada foi bastante simples... ...Graças a Deus.

Provas do triunfo

Triunfar é sempre difícil; mas muito principalmente em Hollywood.

Como provas práticas do êxito de Robert Taylor começo por indicar o nome de três filmes.

Com a Jean Parker, a simpática Jean Parker fêz o *Crime na Armada*.

Interpretando o empresário — aquele extraordinário empresário! — da *Parada Maravilhosa* conseguiu chamar sôbre si as atenções de todo o público que viu o filme. Demonstrou qualidades reais e principalmente qualidades diferentes e importantes. Tem personalidade. Não lembra A nem B. É êle.

Médicos de Hoje foi dos filmes que no seu género últimamente fêz mais sucesso. Nêle, Robert Taylor afirma-se definitivamente. Fomos obrigados a esquecer o trabalho de Chester Morry tal a maneira como Robert Taylor interpretou o papel que lhe cabia.

Consegue-se pois demonstrar que em virtude dos filmes já passados nos nossos «écrans» Robert Taylor é um actor de categoria.

Basta para isso lembrar o nome das suas «partenairs» e a qualidade dos filmes citados.

Mas reparem. No último número do *Cine-Jornal*, no inquérito entre gente de teatro, a simpática Aida Ultz aponta-o como um actor que a impressionou e jámais pode esquecer o seu nome. No mesmo número da mesmíssima revista publica-se na página central um artigo em que estão opiniões de algumas das individualidades mais importantes do meio cinematográfico real de Hollywood. Pois o nome de Robert Taylor é citado três vezes. Tudo isto é o que os leitores já sabiam ou pelo menos poderiam saber.

Mas há mais...

Clark Gable era, até aqui, o menino bonito de Hollywood. (Menino bonito em sentido figurado, já se vê). Pois actualmente Robert Taylor é quem ocupa êsse lugar.

Já há muito tempo que ninguém em Hollywood recebia tantas e tantas amabilidades, tantos e tantos convites, honras e homenagens como Clark Gable.

Pois Robert Taylor nêste capítulo já suplantou Gable. Tem ultrapassado todos os «récords» possíveis e imagináriios.

E, caso curioso, as suas admiradoras são dum género que todos nós julgávamos que já não existia. Fazem-nos lembrar os velhos tempos de Rudolfo Valentino.

Quando da sua última viagem a Nova York hospedou-se no Waldorf Astória. Estava a couversar com um jornalista e de repente escancara-se a porta e entram vinte ou trinta raparigas de 17 a 18 anos que saíam do colégio e ao saberem que Robert Taylor estava ali hospedado não hesitaram. Quiseram vê-lo e possuir um autógrafo.

Outra vez aconteceu um caso com piada. Umas raparigas queriam um retrato. Como Robert Taylor não tivesse ali nenhuma fotografia pediram-lhe um autógrafo, mas também não tinha papel; só tinha a caneta. Não estiveram com meias medidas. Arrancaram-lhe os botões do casaco e obrigaram-no a assinar sôbre os botões. Como não cabia o nome todo, Robert Taylor resolveu assinar, como em tempos idos, simplesmente «Bob» o que honrou sobremaneira estas perigosas admiradoras.

O Futuro

Falámos já, vagamente, do futuro do novo ídolo.

Como prova de que êste será glorioso basta citar-vos os últimos e os novos filmes de Robert Taylor e as respectivas companheiras de trabalho.

A Janet Gaynor interpretou ao seu lado *A pequena da Província*.

Joan Crawford, essa insuportàvelmente perigosa Joan, colaborou com Taylor em *Gorgeous Hussy*. Mas ainda duvidam da categoria dum actor que depois duma tam curta série de filmes vai trabalhar ao lado de Crawford?

Pois bem. Então anuncio-lhes que Robert Taylor esta a concluir os seus trabalhos em *A Dama das Camélias*, ao lado de Greta Garbo e sob a direcção de Cukor.

Que querem mais?

Acham amda arrojada a afirmação que escrevi no princípio dêste artigo? Acham que este rapaz de 24 anos nao tem um futuro glorioso, matemàticamente indicado?

E agora um pequeno pormenor comprovativo; mais comprovativo, talvez, que as cinco a sete mil cartas que Robert Taylor recebe por semana.

Sabem qual é a alcunha de Robert Taylor em Hollywood?

Pois eu vos digo. Devido às imensas simpatias e admirações que possui e que o obrigam a andar numa vida demasiadamente agitada (consecutivos chás, bailes e banquetes em sua honra) alcunharam-no de «a nova coqueluche de Hollywood». Num meio como o de Hollywood, que tam pouco repara nestas coisas, é realmente necessário possuir uma popularidade enorme e um número de admiradores incontável para que se consiga merecer esta alcunha tam honrosa.

Realmente Robert Taylor deslumbrou Hollywood e agora todos mantêm por êle uma admiração que é quási uma doença, uma doença contagiosa como a coqueluche.

TAVARES FERNANDES

NASCEU em Marselha, em 23 de Abril de 1914. O pai era francês. A mãi, italiana. A América procura torná-la agora numa estrêla famosa. Depois dos insucessos artísticos dos primeiros tempos, das hesitações que marcaram o seu primeiro período de estada em Hollywood, Simone Simon encontrou um produtor que a compreendeu e que lhe deu o filme que a vai lançar: «Girls Dormitory».

A América, com efeito, prepara uma formidável campanha publicitária para preceder a exibição daquela película.

* * *

O nosso público notou Simone Simon em «O Lago do Amor» (Lac-aux-dames). A figura de «Puck», que ela criou e desenhou com amorosa ternura, impôs imediatamente a seu indiscutível talento de artista, e a sua alma de mulher, fina e sensível.

Simone Simon, como não podia deixar de ser, foi logo contratada pela América, que depois de lhe ter dado, e de lhe ter tirado, o papel feminino de «Sob duas bandeiras» (que Claudette Colbert desempenhou), e depois de o ter tido quási um ano em inactividade, se dispõe agora, finalmente, a consagrá-la, como merece.

* * *

Passou os primeiros tempos da sua vida em Marselha, e a sua adolescência em Madagascar. Dêsses anos que viveu ao sol e ao ar livre, ficou-lhe uma espécie de graça exótica, que faz um picante contraste, com a sua galantice e vivacidade. Quando voltou a França, tinha apenas um desejo: entrar para o teatro. Como é de praxe, a família nem sequer a queria ouvir falar nisso. Nem no teatro, nem no cinema. Aos 16 anos, mesmo assim, conseguiu desempenhar um papel de Apollo, em «Balthazar». Jean Tarride notou-a e fê-la interpretar um «sketch». Contratado pelo «Bouffes», para «Le Roi Pausole», interpretou um papel de pastora. Dois anos mais tarde, voltou ao «Bouffes», e triunfou então em «Toi c'est moi».

* * *

Durant as representações de «Le Roi Pausole», Simone Simon travou conhecimento com o realizador Turjonsky, que, pela sua mão, a levou para o cinema.

Ao lado de Lucien Muratore, interpretou «Le chanteur Inconnu», e a França apercebeu-se de que tinha, finalmente, uma ingénua cómica. Logo a seguir a Alemanha contrata-a! Um filme. De volta a Paris, faz «La Petite Chocolatiere», com Raimu.

Em Munich, filmou sob a direcção de E. A. Dupont. Mais tarde, «Le Roi des Palaces», «L'Etoile de Volence», e, finalmente, «Lac-aux-dames», que foi um êxito enorme.

«Olhos Negros» e «Les Beaux Jours» foram os últimos filmes que interpretou, antes de demandar Hollywood.

* * *

Tem uma personalidade curiosa e difícil de definir. Adora o músico. Não pratica nenhum desporto. Não guia automóveis, «porque tem mêdo de partir o cabeça». Trabalha muito, mas só depois de dormir bem. É ambiciosa, mas incapaz de se desviar do bom caminho, para conseguir os seus fins. É naturalmente graciosa, muito simpática, mas um pouco «dura» no trato, com as pessoas que não conhece bem.

E aqui têm um pouco da história da Simone Simon, a inolvidável «Puck» de «Lac-aux-dames».

R. S.

como se vestem para o banho

QUANDO elas se *vestem* para o banho?

Quando elas se *despem* para o banho?

Eis a primeira hesitação que nos salta da pena ao abordarmos êste assunto transcendente do eterno feminino: a *toilette* para o banho de mar. Porque em boa verdade, nos tempos que vão correndo, simplificou-se tanto o trajo que se enverga para mergulhar nas salsas ondas, que, com mais propriedade, parece dever dizer-se: quando elas se *despem* para o banho...

A mulher, com efeito, desde que a Mãi Eva, em má hora, trincou o fruto proibido, ficou com um fundo de perfídia a dirigir todos os seus actos: no caso que estamos tratando, o facto reflecte-se bem: a mulher em plena posse da sua beleza e das suas formas, revela-se inteiramente aos nossos olhos, velada apenas pelo manto diáfano da fantasia, que às vezes mais encandece os cérebros dos felizes mortais que as contemplam.

O fato de banho reduziu-se quási ao «cache-sexe» das girls do «Casino de Paris» ou do Follies Bergère. A evolução chegou ao máximo do adiantamento. Dos fatos de flanela azul, debroados a fitilho branco, amplos de medida, espêssos de fazendas, chegou-se ao prodigio dum fato que cabe na palma da mão e que pouco mais cobre que uma sexta parte do tronco...

Tomar banho de mar é hoje previlégio das raparigas bonitas, perfeitas de formas, sádias de pele. Porque a exiguidade dos trajos não protege defeitos, as mulheres por seu turno não gostam de os revelar. Quem errar pelas praias assistirá, extático, à parada de formas, euritmia de linhas, que correm pelas areias doiradas, que fendem a espuma branca das ondas que se quebram. A mulher, que sabe que é bonita, não foge aos olhares devoradores. O conceito de pudor é outro e sôbre êste prevalece a máxima de que «o que é bom é para se ver».

As «girls» dos estúdios, as artistas de cinema — não fogem à regra. São elas, em regra, a sôldo das casas respectivas, que lançam os «maillots» mais ousados... Aqui têm algumas estrêlas com os seus fatos de banho. Variedade, beleza, graça e deslumbramento... Vale a pena quedarmo-nos um pouco a olhar para esta página e pensar o que seria uma praia animada por estas lêdas raparigas que aqui estão, com a graça dos seus sorrisos e as formas perfeitissimas dos seus corpos.

O paraizo terrestre teria por certo a sua expressão mais bela!...

June Lang, o primorosa artista-bailarina, que não vimos ainda em nenhum papel de relêvo

O Papão do «Mau Cinema»

PUBLICAMOS, a seguir, uma carta, que nos foi dirigida pela Junta da Profilaxia Social, com sede no Pôrto, e a propósito duma local da «Carta do Pôrto», em que o nosso prezado colega Carlos Moreira criticava, não o aspecto geral da sua acção, mas sim, e sobretudo, a campanha encetada contra o «mau cinema». Não pretende, por certo, o nosso camarada, negar a existência do «mau cinema». Pretende, sim, reduzi-lo às justas proporções, à percentagem ínfima em que se manifesta, e que não justifica medidas de carácter geral, mas sim excepcional. Isto é: não se deve proïbir os menores de ir ao cinema, mas de ver êste ou aquele filme. E para isso temos uma Censura, e uma censura rigorosa, que desempenha, sob os auspícios do Estado, uma função moralizadora. É claro, há «mau cinema», como há má literatura, mau teatro, má Imprensa, etc., etc. O que não podemos nem devemos, sob pena de cair num exagêro insensato, é falar no «mau cinema», como se todo o cinema fôsse um instrumento de perversão. O que gostaríamos de ver, antes de encetar campanhas discutíveis, era fomentar e desenvolver o bom cinema, aproveitar a sua formidável fôrça educadora. Isso não se faz, porém. A êsse cinema, por via de regra, não se alude. E Portugal é dos poucos países do mundo onde o Cinema Educativo é letra-morta. Tôdas as campanhas unilaterais, como a encetada pela Liga de Profilaxia, dir-se-iam, pois, inspiradas por aqueles que, como diz Leitão de Barros, não perdoam ao cinema que, sem licença das Academias, se tenha tornado na maior preocupação do nosso século...

Perde o seu rico tempo a Junta de Profilaxia Social — cuja obra, sob muitos aspectos, é crèdora dos maiores encomios — em rebuscar e transcrever citações de pessoas e entidades que apregoam os «pódres» do cinema. Mas tais afirmações provam alguma coisa? Poderíamos alinhar outras tantas opiniões de pessoas de igual categoria, a dizer precisamente o contrário.

S. Santidade Pio XI, ainda recentemente, quando do Congresso da Imprensa, em Roma, teve ensejo de demonstrar publicamente o seu interêsse pelo cinema.

Quanto ao excerpto do parecer do sr. dr. Júlio Dantas, que a Liga cita, estamos inteiramente de acôrdo. O ilustre relator refere-se a «determinados filmes», de natureza especial, que raramente aparecem nas nossas telas. Gostaria que me citassem, por exemplo, os títulos de filmes «onde se versassem questões de ordem sexual ou para-sexuais», exibidos nas últimas temporadas...

Tudo isto vem ao encontro da nossa afirmação: o cinema exige hoje, apenas, medidas de carácter acidental. A média da produção é francamente elevada, sob o ponto de vista moral. O cinema de hoje é totalmente diferente do cinema de há dez anos.

Resta-nos o ponto de vista da «higiene». Mas também neste ponto não podemos generalizar, porque todos sabem que hoje há muitos cinemas que, sob o ponto de vista higiénico, se avantajam à maioria das escolas...

Transcrevemos a seguir, na íntegra, a carta que nos foi dirigida:

Ex.mo Sr. Director: — Embora ficassemos um pouco abalados com o anátema fulminado contra nós pelo autor da «Carta do Pôrto», publicada em «Cine-Jornal» de 3 do corrente, de que — «ninguém reconhece aos directores da Liga qualidades críticas, nem possibilidades analíticas» — consolamo-nos pensando que não nos podem considerar vendidos a nenhuma emprêsa cinematográfica, quer distribuïdora de películas, quer proprietária de casas de espectáculos dêsse género.

A Liga Portuguesa de Profilaxia Social nunca se vendeu, nem se vende ou venderá — pode mesmo conjugar-se o verbo em todos os tempos, sempre negativamente: não se venderia, não se tem vendido, etc., etc. Em todo o caso já tem sucedido, ao fazermos qualquer campanha, considerarem-nos peitados pelas emprêsas que com a mesma beneficiam... Mas — a caravana passa...

Revolta-se o seu correspondente contra os nossos protestos relativos ao mau teatro e ao mau cinema. Ora nós estamos, por acaso, em muito boa companhia. Vejamos, em primeiro lugar, o que ao cinema respeita.

O ilustre jornalista Edurisa, na sua crónica sôbre o «Ano Cinematográfico de 1934», publicada em «O Comércio do Pôrto» de 1 de Janeiro de 1935, diz, por exemplo, que — «o panorama cinematográfico em 1934 não se nos apresenta num nível artístico e de produção verdadeiramente notável» — embora a seguir afirme a sua esperança de que se trata dum «mal passageiro».

O sr. dr. Domingos Pinto Coelho, ilustre jurista, em um artigo publicado em «A Voz» de Dezembro de 1935, diz o seguinte: — «É uma dôr de alma entrar numa casa de espectáculos, vê-la povoada de mocidade ávida de ver e de ouvir, febrilmente interessada no desenrolar da acção, e verificar que aquelas almas de adolescentes, tão impressionáveis, estão a ser atrozmente envenenadas!»

«Não! Para isto não devia haver sombra de tolerância ou de indulgência».

«Produtores de filmes imorais são autênticos malfeitores, criminosos da pior espécie, não sendo sequer fácil medir tôda a extensão do mal que produzem, pois para tanto seria necessário saber o número de reproduções, de cinemas onde se exibem, o número de espectadores: expansão enorme e incalculável do mal».

O ilustre escritor dr. Júlio Dantas, relator do parecer da Câmara Corporativa acêrca do projecto de lei sôbre a admissão de crianças nos cinemas, escreveu o seguinte, que foi aprovado por tôda a respectiva Comissão: — «É incontestável que deve perservar-se a infância e a adolescência da acção de perversão moral e de sugestão perniciosa sôbre elas exercida pela projecção de determinados filmes, mórmente daqueles em que se representam actos grosseiros, criminosos ou violentos, ou se versam questões de ordem sexual ou para-sexual».

Duma crónica intitulada o «Cinema Corruptor», publicada em «As Novidades» de 14 de Julho do corrente ano, recortamos ainda os seguintes parágrafos: — «O cinema tornou-se uma diversão corrupta, porque as fitas se converteram — como diz Pio XI — em representação do pecado e do vício, representação aprovada, aclamada e quanto possível justificada. Perante a multidão que invade o cinema, faz-se, pois, de contínuo, a apologia de falsas normas de vida».

«...Alegou-se que a censura que obrigava as indústrias cinematográficas a respeitar as regras da honestidade, prejudicava financeiramente as respectivas emprêsas. Mas sem razão, anota a enciclica, pois a indústria só teria a lucrar, quer artística, quer financeiramente. Milhões de espectadores, forçados, por escrúpulo de consciência, a abster-se dessa forma de diversão, passariam a freqüentá-lo se o cinema exibisse fitas honestas. Por outro lado, a arte cinematográfica viu-se então forçada a buscar assuntos clássicos e criações originais de maior valor artístico. Não foi, portanto, o aspecto financeiro que fêz recair na imoralidade, mas a maior facilidade que têm as emprêsas de explorar as paixões baixas e as tendências corruptas. Enquanto a produção de fitas verdadeiramente artísticas — diz Pio XI na enciclica — de vidas humanas virtuosas reclama esfôrço intelectual, trabalho, talento, e talvez um maior dispêndio, pelo contrário, torna-se relativamente fácil atrair ao cinema certas camadas e categorias sociais com representações que inflamam as paixões, e despertam os instintos inferiores latentes no coração humano».

Finalmente, no «Diário da Manhã» de 14 do mesmo mês, em comentário, também, à referida enciclica, encontramos o seguinte parágrafo: — «A produção cinematográfica dos últimos tempos sofreu a influência do amoralismo da economia liberal. O objectivo das empresas foi produzir para obter o maior lucro possível. A película foi considerada uma mercadoria como qualquer outra. Que interessava? A futilidade, o sensualismo, o escândalo, a descrição das taras sociais e a libertinagem de costumes? Pois bem: as empresas concorrem entre si para satisfazer as mais baixas paixões, sem consideração de espécie alguma pelos efeitos duma tal produção no homem, na família e na sociedade».

Mas não desejamos alongar em demasia esta resposta, e por isso passamos a algumas citações sôbre o estudo actual do teatro.

Duas únicas frases, afinal, e essas bastam, porque são de um dos nossos críticos actualmente mais considerados, o sr. Eduardo Scarlatti, no Prefácio da sua colectânea recém-publicada «Em casa de *O Diabo*» (êste «Diabo» não é tão feio como o pintam...): — «Fatigado da crítica, de vêr por

(Continua na pág. 15)

O Segrêdo dos Lábios

HOLLYWOOD era uma cidade monótona, uma terra triste e repetida se não tivesse sempre, dentro dela, um cortejo de variantes e atractivos que mais ou menos bem intencionados, vão na senda do dinheiro, à procura da riqueza...

Aventureiros, inventores, detectives e ladrões, palhaços da vida, impregnados de cosmopolitismo, lendo nos jornais as somas astronómicas que, por semana, recebem as estrêlas, convergem para a cidade do cinema.

O que os atrái?

Já lá vai o tempo em que as meninas apaixonadas e os moços românticos tomavam o caminho da Califórina para se deitarem aos pés do Rodolfo Valentino, ou assaltar a moradia de qualquer Lilian. O materialismo é maior, as passagens estão mais caras e, quanto a viagens clandestinas, as magníficas organizações de polícia marítima, nem deixam pensar nisso.

Hoje, junta-se uma pequena fortuna para se comprar o bilhete. E chega-se a Hollywood para ganhar muito dinheiro.

Como actor? É quási impossível.

O processo mais seguro e mais seguido é explorar a credulidade. é quebrar a monotonia, pelas maiores artimanhas à custa dos mais arrojados «trucs».

Quem não tem coragem para arrombar um cofre-forte lê a sina; os que são incapazes de executar o rapto dum bébé vendem o anel que traz a felicidade eterna.

* * *

Aparecem, por vezes, na vastíssima fauna dos exploradores, tipos verdadeiramente artistas, dotados dum bom poder de observação e prodigiosamente imaginativos.

E, quer estudem as flores mais indicadas para qualquer «estrêla» quer indiquem as cores que devem preferir, o certo é que fazem sucesso e, às vezes, em poucos meses, conseguem realizar o mais universal dos desejos universais: ter dinheiro.

Nós, que só de longe conhecemos e comentamos estes factos, geralmente despresamos os assassinos e ladrões mas, embora reconhecendo que também exploram, não deixamos de admirar, com um sorriso complacente, os que, artisticamente, conseguem ganhar.

* * *

Todo êste arrazoado vem — embora não pareça — a propósito do segrêdo dos lábios.

Realmente, a ideia de, com arte e espírito, ler nos lábios das «vedetas» os seus sentimentos, encontrar na bôca o factor primordial da personalidade veio, pela primeira vez, a um dêsses artistas exploradores — conhecidos na América por exploradores de artistas.

Foi uma ideia feliz.

A provar a sua esplêndida qualidade, está a invulgar resistência que tem tido. Porque, esquecia-me dizê-lo, o máximo de voga para qualquer destas ideias, é um ano, e a dos lábios resiste há muito mais tempo. De tal forma é apreciada que quási se oficializou: ninguém entra para figurante sem que um «perito» estude bem a forma dos lábios, a personalidade que revela e o efeito que produz.

O aprêço que, em Hollywood, se passou a dar ao perfil das bôcas, ao segrêdo dos lábios, tem razão de ser.

Se bem que não seja o único, como os «técnicos» pretendem, a bôca é, contudo, um dos mais característicos aspectos de qualquer fisionomia. É dela que sái o riso, abre-se com o espanto, entreabre-se no suspiro, contrái-se pelo esfôrço, amargura-se, fala, sorri e, finalmente... beija.

Há bôcas dolorosas de cantos rebaixados, tristes, bôcas estendidas, desejosas, que querem beijar; boquinhas pequenas que fazem lembrar... narizes arrebitados de meninas pedantes; bôcas amuadas de bébés e bôcas sussurrantes de namoradas...

Os lábios são carnudos como frutos que apetece sorver; são finos, cínicos, afiados como lâminas que não perdoam o corte; abrem-se francamente, descuidados e abrem-se, vaidosos, para mostrar uns dentes alvos; fecham-se na mudez obstinada, fecham-se para esconder uns dentes feios e até se fecham... na greve da fome.

* * *

À vista de tôdas estas qualidades e defeitos, Hollywood estudou o assunto duma maneira completa como é próprio dos seus estudos.

Visto que, ao falarmos a qualquer senhora, fixamos primeiro a côr do «batoir» do que a dos olhos, uma vez que o sorriso da «Gioconda» tem fama universal, etc., etc.—estudem-se as bôcas, desvendem-se os segrêdos que os lábios encerram.

* * *

Os «técnicos» das especialidades afirmam que Joan Crawford tem a bôca mais interessante de tôdas as «estrêlas». Creio que estamos todos de acôrdo — é inconfundível a bôca da Joan. Dizem «êles» que uns lábios assim revelam a necessidade de amar, são lábios apaixonados de quem não consegue separar a inteligência do sentimento. São lábios inconstantes, porque é inconstante o coração. São ligeiramente tristes, porque vivem eternamente insatisfeitos. Lábios de quem sente e não analisa, enfim, lábios que retratam fielmente, a inquieta e ansiosa Joan Crawford.

(Conclui na pág. 14)

BORIS KARLOFF,

intérprete magistral do "horrivel" no cinema

A biografia de Boris Karloff é simples: nasceu em Londres, a 23 de Novembro de 1887. Conta, portanto 49 anos. O pai queria-o diplomata e, por isso, o pequeno Boris freqüentou alguns dos melhores colégios ingleses. Porém, a burocracia aborrecia-o. Tentava-o a aventura. Em 1918, foi para Los Angeles com uma troupe de «vaudeville» e, pouco tempo depois, começava a filmar.

Actor algum melhor do que Boris Karloff encarnou, até hoje, na tela, o sentido patético, terrífico, do cinema. Graças às suas magistrais interpretações, Boris Karloff consegue transmitir aos espectadores aquele grau de emoção, de espanto, de surprêza e de horror, tão difícil de atingir agora que não há segrêdos quanto à técnica cinematográfica e aos truques de que se serve.

Boris Karloff é, sem dúvida alguma, superior a qualquer dos actores que cultivam o seu género. O seu desempenho reveste-se de um singular sentido de humanidade, tão profundo que obriga o espectador a «viver» o filme, entusiasmando-se e vibrando.

Não se recusa às maiores fadigas para alcançar os resultados emotivos que pretende, Boris Karloff submete-se às mais duras provas, não só para obter uma máscara inédita como também para traduzir a ferocidade, a expressão e o desiquilíbrio dum ser sobrenatural.

Pois Boris Karloff que nos interessara já com «Frankenstein» e a «Noiva de Frankenstein» vai agora dar-nos um novo filme, «O Corvo», extraído do célebre poema de Edgard Allan Poe, no qual mais uma vez demonstrará as suas brilhantes qualidades de criador e de actor magistral.

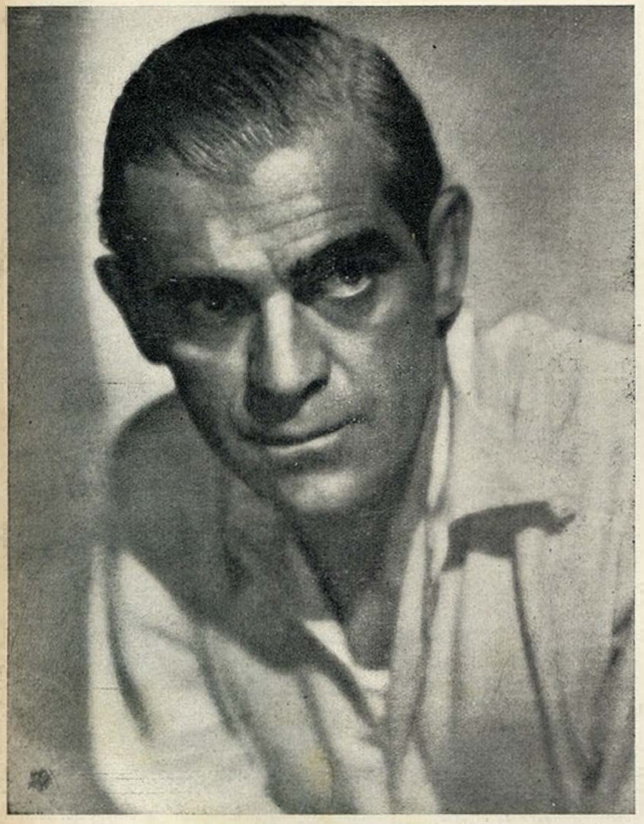
Nêste filme, Boris Karloff é o notário Balcum que, receoso da polícia, não hesita em procurar o cirurgião Vollin, um tarado cujo delírio se compraz em martirizar o alheio, o qual lhe transforma o rosto, tornando-o um ser irreconhecível e hediondo. Vollin, ou seja o grande actor Bela Lugosi, aproveita-o, porêm, para as suas criminosas façanhas.

É nêste filme que o espectador assiste a uma macabra cena que lhe porá os nervos à prova: o pêndulo da morte. Um homem, estendido sôbre uma mesa, aguarda com o desespêro na alma, que uma lâmina suspensa sôbre a sua cabeça, tal espada de Damocles, o separe para sempre da vida. Os minutos que decorrem nessa indecisão são outros tantos momentos de angústia para o espectador.

Boris Karloff exerce uma tal atracção sôbre o sexo fraco que um empresário do Yorkshire, de nome Symmon, ofereceu cinco libras esterlinas à espectadora que se atrevesse, no seu cinema, a enfrentar o monstro, na tela, a sós e às escuras, depois da meia noite.

Pois sabem os leitores quantas cartas recebeu o sr. Symmon: 400! e explica-se: Boris Karloff é, presentemente, o único actor que, pela sua fealdade e pelo horror que inspira, consegue, de facto, impressionar a curiosidade feminina. Isto, por si só, autoriza-nos a classificá-lo, sem hesitação, como um dos ases posilivos da Cinelândia.

M. C.



Boris Karloff, na vida real, não é tão «monstro», como poderíamos julgar...

Óscar Lemos, o «Caçarola», da «Canção da Terra»

Á MARGEM DO CINEMA

Ainda àcêrca de gente de teatro

JÁ nestas colunas tenho tocado, por várias vezes, no magno problema da inclusão de elementos de teatro nos elencos cinematográficos. Mas há ainda uma nova faceta pela qual o assunto não foi visto: — Porque motivo as «girls» do teatro são aproveitadas no cinema apenas como «girls» e figurantes? Quem nos diz que entre as coristas dos nossos teatros não está uma esplêndida artista de cinema?

O cinema português, até hoje, pouco tratou de *lançar* um artista no caminho da popularidade. Em quási todos os filmes realizados o cinema tem beneficiado da popularidade já obtida no palco pelos artistas que escolhe.

Assim, Nascimento, Vasco, António Silva, Almada, Raúl de Carvalho e outros — e para só citarmos homens — levaram e levarão ao cinema os espectadores que já no teatro eram seus admiradores fiéis.

Não houve o trabalho de obrigar o público a fixar-lhes o nome; não foi preciso espalhar fotografias de publicidade, para torná-los conhecidos. Muito pelo contrário, foram os seus nomes e o seu prestígio que deram nome e prestígio a certos filmes. Ora deve ser êsse um dos motivos porque aos nossos realizadores não lem ocorrido contratar, para os seus filmes, raparigas que ninguém conhece...

Lá fora, em países onde em assuntos de publicidade se não regateiam algumas dezenas de contos, não é difícil atirar com o nome dum artista aos olhos e à memória do público. Cá, até agora, têm preferido fazer filas com pessoas conhecidas...

Nós, se fizéssemos filmes, também havíamos de dar *uma oportunidade* a certas «girls» dos nossos teatros, embora o Leitão de Barros nos chamasse malucos...

Uma cinéfila da gêma

Eu conheço uma pequena — conheço até muitas, é claro, mas agora falarei só de uma... — que devia ser condecorada pelas empresas cinematográficas, com a medalha de celuloide de bons serviços!

É que, nestes dias e nestas noites de calor intensíssimo, quando os que podem fogem de Lisboa e os que cá ficam se espalham pelas esplanadas, pelos jardins, pelo ar livre, enfim, a Júlia — sempre é bom dizer o nome para o caso de quererem condecorá-la — passa as tardes e as noites no cinema elegante do seu bairro!

No inverno, vê as estreias; no verão, as *rèprises*, para recordar. Diz ela que há certas fitas a que só se dá o verdadeiro valor à segunda vez...

Há duas noites encontrei a Júlia. Estava um calor diabólico, a ponto de, nos três teatros que eu tinha percorrido, não haver espectadores. O chefe da «claque» queixara-se-me de que não conseguira passar os bilhetes e os artistas, em cena, suavam em bica, de calor e aflição por verem a casa «às moscas» — se é que as moscas não tinham ido, também, para as esplanadas, ouvir o fado ao ar livre.

Pois a Júlia, a heroica Júlia, ia para o cinema, ver «O Inferno de Dante», que é uma coisa que só o título faz calor!

Pobre Júlia!

A-pesar-de-doida pelas fitas da Clara, é, indiscutivelmente, uma cinéfila de gema...

Gente parecida

Não sei se já repararam que há, em Lisboa, uma senhora parecida com a Joan Crawford. Eu próprio tenciono mostrá-la aos leitores de «Cine-Jornal», num próximo artigo ilustrado e ao público em geral numa «cortina» duma próxima revista de teatro.

Trata-se, realmente, duma flagrante parecença, que, nas ruas ou em qualquer local onde essa senhora compareça, não passa despercebida a ninguém. Mas, é claro, em bailes, em cinemas, na rua, em tôda a parte, as pessoas fazem notar a parecença tocando, em silêncio, no braço das que estão a seu lado, ou dizendo duas palavras, em segrêdo.

Pois a referida sósia da Crawford foi a um baile do Casino Estoril, numa noite em que a sala, pejada de excursionistas ingleses, deslumbrava de animação e ruído. E todos, como uma só voz, gritaram, alegremente:

— Crawford! Crawford!

Sempre alegres, e sempre à vontade, os ingleses...

É claro que o facto deve ter parecido bastante mal a mêia dúzia de portugueses que estavam na sala...

Teriam gostado?

Há três ou quatro noites, fui ver, a um cinema da capital, um filme que me interessava. E notei que, num camarote ao lado, um casal de namorados, a quem a mamã dela acompanhava, noivava, deliciosamente entretido.

No seu encantamento, nem deviam notar que o filme deslizava, vertiginosamente, na brancura do «écran».

Finalmente, o filme terminou. Eu posso jurar que os meus vizinhos do camarote ao lado não viram uma única cena. E por isso achei imensa graça quando, à saída, ouvi a mamã dela preguntar ao futuro genro:

— Então, Eduardo? Você gostou?

Se aquilo era coisa que se preguntasse!...

ANIBAL NAZARÉ

Merle Oberon, cujo rosto de linhas purissimas, tem qualquer coisa duma Madona do nosso Século

A INTERNACIONAL DO CINEMA

CINEMA FRANCÊS

Um dancing.

Êle — ...e o que faz o seu marido?
Ela — É *maire*.
Êle — E Você?
Ela — De modo algum...

CINEMA AMERICANO

Uma piscina.

(O «Inimigo público» n.º 1» toma banho com a quadrilha. Estão todos armados de cavalo marinho).

O inimigo público n.º 1 — O. K.! A água está morna.
O inimigo público n.º 2 — Surely! A água está fria.

(O «Inimigo público n.º 1» pisca o ôlho: sôa um tiro, e o «Inimigo público n.º 2» cái morto).

Pregunta-se: quem foi o assassino, se os «maillots» não tinham algibeira?

CINEMA RUSSO

Uma casa do campo.

(O jóvem príncipe, que acaba de sair da Escola Militar, veio passar as férias a casa dumas tias muito bem postas e muito antipáticas.

Na povoação, não há cinema e o príncipe, para se entreter, seduz uma jóvem criada).

A grã-duquesa Ivan-Ivanoff — A mana já reparou que Natacha se perturba com os uniformes?

A grã-duquesa Varil-Variloff — Já sim, mana. Que faremos agora?

A grã-duquesa Ivan Ivanoff — A mana gosta de almôndegas?

A grã-duquesa Varil-Variloff — Não, gosto mais de salchichas.

(A campainha retine. Um criado acorre).

A grã-duquesa Ivan-Ivanoff — Alexis, faz para o jantar salchichas de Natacha.

(O criado inclina-se e sái).

... ...

O jóvem príncipe bebe dois copos de aguardente e parte a galope para o Cancasso, onde vai cobrir-se de glória.

O cavalo do príncipe (salvo seja), ao passar pela rua da aldeia, esmaga com as patas uma galinha poedeira, que era o amparo duma família de humildes camponeses.

CINEMA INGLÊS

Um velho castelo na Escócia.

Ali vive Lord Sunlight, recém-casado com a filha do rei dos pudings-instantâneos, de San Francisco.

A americana — Vou arejar.
O Lord — Convíria que ficasse.
A americana — Porquê?
O Lord — Os Duques de Bedford honram com a sua presença, esta tarde, o nosso velho solar.

A americana — Estou-me nas tintas...
O Lord (para o criado) — Tomaz, traze-me outro manóculo.

CINEMA ALEMÃO

Uma loja de música.

Um rapaz muito simpático (como o Garat), e para mais milionário, entra para comprar uma caixa de agulhas de gramofone.

A caixeira, que é bastante bonita, começa a cantar sem vir nada a propósito, enquanto êle suspira fundo.

... ...

O rapaz muito simpático, e para mais milionário, entra para comprar nova caixa de agulhas. A caixeira, bastante bonita, salta para cima do balcão, sem vir nada a propósito, e começa a dançar um «charlston».

O rapaz acompanha-a na dança e acabam os dois por abraçarem-se muito convenientemente, enquanto cantam em alemão uma canção que deve ter letra mais arrevezada que a do «Nove e zero».

O patrão da loja aparece então e sorri benévolamente.

À porta espera o par amoroso um «Mercedes-Benz», com cara de quem acaba de sair do «stand».

CINEMA ESPANHOL

Uma rua de Triana.

Manolo — Pepe te persigue demás!
Carmen — No lo sé (Coitadinha...).
Manolo — Todavia, voy a saber-lo.

Manolo sái.
Manolo entra.

Carmen — Que hay?
Manolo — Pronto. Ja no hablaremos de Pepe.
Carmen (entendida e com os olhos em alvo) — Eres todo un hombre!

(Ao contrário, Pepe, ja «no lo ès»...).

CINEMA PORTUGUÊS

... ...
... ...
... ...

AMBRÓSIO

CARTA DO PORTO

PARA quem suponha que exageramos quando afirmamos, clara e abertamente, que, proporcionalmente à sua população, o Pôrto não possui cinemas demais, antes pelo contrário, dedicamos a presente crónica.

Ela tem tôda a oportunidade porque ainda há quem, apegado a retrógrados preconceitos, não querendo nivelar-se à índole da sociedade contemporânea, pretende descobrir a existência de salões cinematográficos em excesso para a gente que nesta cidade labuta e vive.

Porém, os números vão falar por nós. Tem o Pôrto uma população que orça por trezentos mil habitante e possui, no centro, apenas sete cinemas.

Suponhamos que em vez de sete cinemas existiam dez — portanto, mais três. Partamos do princípio de que só dez por cento da população freqüenta uma vez — sòmente uma única vez — por semana, apenas um cinema.

Temos, assim, uma média de três mil espectadores por semana e para cada salão, que dá uma percentagem diária de quatrocentos e vinte espectadores por dia para cada cinema.

Dividindo ainda êste quantitativo pelas habituais «matinées», encontramo-nos em face de uma média que constituiria um excelente negócio para todos, absolutamente todos os empresários, mesmo se existissem dez cinemas, portanto, mais três do que os que há.

A confirmar, a reforçar os nossos cálculos, temos ainda o número de pessoas que vão mais de uma e mais de duas vezes por semana ao cinema, e que se conta por centenas.

Temos ainda a enorme população dos subúrbios, presentemente servida por cómodos, rápidos e baratos meios de transporte que, principalmente aos domingos, contribui com um enormíssimo contingente de espectadores a animar os espectáculos cinematográficos.

Os pequenos cinemas dos bairros, conquanto constituam excelentes elementos de propaganda da sétima arte, cuja acção divulgadora nunca é demais encarecer, dada à sua exígua lotação e a pequenez dos preços, não contam para o nosso cálculo, em virtude de se deslinarem a um público, proporcionalmente, muito restrito.

Já vêem, portanto, os incrédulos, os pèssimistas, que o Pôrto não tem cinemas em excesso, pelo contrário, três cinemas a mais, três grandes cinemas a mais, no centro da cidade, não constituía desproporção para o seu censo populacional.

Cremos também que a percentagem de dez por cento dos habitantes da cidade, que estabelecemos para base dêste sucinto estudo não é demasiada. Pelo contrário, há muitíssimas cidades europeias ,cuja importância industrial, comercial e artística não é superior à do Pôrto, que têm uma média de cinéfilos muito maior, incomparàvelmente maior que esta cidade.

Ora se aqui esta média ainda não existe, se esta proporção ainda se não constata, a culpa não é do cinema que mantém, sempre bem acêsa, a chama do interêsse que de há muito desperta, nem tão pouco do público, pois, muitas vezes se juntam num só espectáculo vinte e trinta mil pessoas, como mais que uma vez ainda há pouco se verificou, simplesmente porque inteligentemente se soube atrair a atenção do público.

Não podemos também considerar o cinema em Portugal um espectáculo caro, porque em poucos países do mundo os cinemas de estreia estabelecem preços tão módicos, como os que se verificam no nosso país, com a vantagem de aqui haver cinemas, mesmo de estreia, a variados preços, mesmo os mais baixos.

Ora desde que o Pôrto não tem cinemas demais, como humildemente parece estar provado, e como o espectáculo cinematográfico ainda está ao alcance de tôdas as bôlsas, sòmente se torna necessário que os respectivos empresários saibam ou queiram chamar à liça a população desalenta, saibam interessar os profanos pelo espectáculo cinematográfico até conseguirem a média de espectadores necessários para compensar os sacrifícios de organização dos seus espectáculos e o seu conseqüênte e possível aperfeiçoamento.

Um exemplo edificante

Não se suponha, no entanto, que o progresso cinematográfico do Pôrto se encontra estragado. Apenas, êle não tem acompanhado, no ritmo necessário, as evoluções da vida actual, dos últimos anos.

Senão, vejamos. Há meia dúzia de anos, apenas se realizavam, nos nossos cinemas, matinées aos domingos. Havia excepções sòmente a confirmar a regra geral.

Pensar-se em realizar matinées em dias de semana era considerado um absurdo e tão absurdo que ninguém tentava êsse empreendimento pela certeza (!) antecipada de um insucesso absoluto.

Ajudado pela persistência das revistas e dos jornais da especialidade, houve quem fizesse essa tentativa e, de experiência em experiência, chegou-se, uns anos após, a êste interessante resultado prático. Numa cidade onde o número de forasteiros é insignificante, que não tem população flutuante, em pleno verão, numa época de formidável canícula, cinco cinemas dão matinées todos os dias — Olímpia, Águia de Ouro, Batalha, Rivoli e Carlos Alberto.

Ora isto, incontestàvelmente, representa desenvolvimento, uma acentuada evolução progressiva.

Foi, porém, a instintiva tendência da massa do público, foi a sua intuítiva assimilação das possibilidades, vantagens e qualidades do cinema, despertada pela acção da imprensa cinematográfica, que determinou êsse progresso.

Ora se as emprêsas, auscultando atenciosamente a evolução do estado anímico do público, aproveitassem o desenvolvimento das suas tendências e preferências, para o elevar a um maior grau, hoje, infalìvelmente constataríamos um aumento sensível da população freqüentadora dos nossos cinemas — a animar as suas iniciativas a melhorar e compensar os seus empreendimentos.

E então já não havia quem supusesse, erradamente, que o Pôrto tem cinemas demais, antes tôda a gente verificaria, clara e insofismàvelmente, que os cinemas existentes eram insuficientes para a população da cidade e seus subúrbios.

É claro que assim fôsse — e assim devia e podia ser — ninguém mais que as emprêsas era directa e imediatamente interessada nêsse estado de coisas.

Por isso não nos cançaremos de recomendar, de apontar a ingente e urgente necessidade de uma intensa e profícua propaganda ser feita, no sentido de chamar a atenção dos leigos e dos profanos, para as excelsas qualidades do espectáculo cinematográfico — e muitas e variadas são elas.

Assim, veríamos mais lautamente compensados e reconhecidos tantos e tantos sacrifícios e esforços dos empresários, em melhorar os seus espectáculos, num reconhecimento e numa compensação bem merecida, porque o seu esforçado trabalho é digno duma retribuição de que uma grande percentagem do público tem andado arredio.

Mais cinemas

Mercê do esfôrço, do simpático e plausível trabalho de alguns homens de iniciativa, em que esta cidade por vezes é pródiga, vamos ter no Pôrto mais dois cinemas.

Grandes ou pequenos, luxuosos ou modestos, qualquer que seja o seu âmbito de acção, muito nos apraz registar os empreendimentos realizados e a realizar, porque, acima de tudo, denotam a ampliação, o desenvolvimento do ambiente cinematográfico duma cidade que tende a desenvolver-se, sob todos e os mais variados aspectos.

O Cine Parque S. Luiz, aberto já ao público, é uma esplanada instalada num recinto confortável — os jardins do antigo palácio do Conde de Samodães, à rua do Sol, a dois passos do centro da cidade.

Organizado pelo Pôsto Emissor Laboratórios Electro Mecânicos, êste novo cinema, vem apresentando em réprise alguns dos filmes de maior êxito e, como é evidente a modicidade dos seus preços, tem tido uam razoável e estimulante freqüência.

Também no populoso e característico bairro da Cantareira está sendo construida uma nova casa que se destina a espectáculos cinematográficos e para exploração permanente.

Porque estes cinemas têm tôdas as características populares mais simpática se torna a sua organização e finalidade porque, a despeito da sua restrita esfera de acção, vai levar a arte a todos os centros da cidade, transformando o cinema numa necessidade quotidiana para todos.

Muito louváveis, muito plausíveis são estes empreendimentos porque além de constituirem verdadeiros pilares de propaganda de arte vão, pelos seus preços, ao encontro dos desejos da grande população dos bairros operários da cidade.

CARLOS MOREIRA

O SEGREDO DOS LÁBIOS

(Conclusão da pág. 11)

Afirmam ainda os mesmos técnicos que Clark Gable tem representada na sua bôca, grande e perfeita, tôda a rudeza apaixonada, franca e sensível, da sua maneira de ser e garantem, ainda, que é o principal factor para os triunfos dêste galã. As leitoras dirão.

Afirmam que a perfeita simetria dos lábios de Myrna Loy revela a segurança do seu carácter, a firmeza das suas decisões. A pequenez — que mostra egoísmo — e o facto de serem carnudos — que revela coração apaixonado — levam a afirmar que Myrna Loy é muito ciumenta.

A de Gary Cooper, à custa de ser perfeita, é quási feminina e revela um temperamento artista, sensível, embora um pouco superficial.

Eddie Cantor é uma excepção a confirmar a regra: a sua bôca nada traduz, não marca personalidade em virtude dos seus olhos esgazcados e absolutamente caracteristicos. J. Durante também é excepção mas a êste, como é de prever, foge-lhe a personalidade para o nariz.

Ainda, por ser dos mais interessantes casos, cito a Jeanette Mac Donald. Bôca grande que revela franqueza, mas sorriso demasiadamente aberto indica or de vaidade, até certo ponto, justificada por uns dentes perfeitíssimos e um «palminho» de cara muito razoável.

Dizem ainda os «técnicos» que se fôssem, um tudo nada, mais pequenos os lábios desta actriz eram os ideais para a mulher: frivolos, inconstantes, vaidosos, sentimentais... mas, «no fundo», de boa pessoa.

Assim — está claro — parece-me que os técnicos não deixam de ter razão.

FERNANDO GARCIA

O que ha no vosso Horoscopo

Deixai-me vo-lo dizer Gratuitamente

Não desejaria saber, sem que nada lhe custe, o que indicam as estrêlas relativamente ao seu futuro; em que será feliz; em que terá bons êxitos; o que lhe trará a prosperidade; o que se refere aos seus negócios; a casamento; a amigos; a inimigos; a viagens; a doenças; a períodos de sorte e de azar; a catástrofes a evitar; a oportunidades a aproveitar; a novas empresas e a muitas outras coisas de indiscutível interêsse para si? eis aqui uma ocasião para obter uma Leitura Astral da sua vida, ABSOLUTAMENTE GRATUITA.

GRATUITAMENTE

A vossa leitura astral que não custa nada menos do que duas páginas dactilografadas ser-vos-á enviada imediatamente, pelo grande Astrólogo, as predições do qual despertaram o interêsse nos dois continentes. Deixai que vos revelem, gratuitamente, factos espantosos que podem mudar o curso da vossa vida e trazer-vos o sucesso e a felicidade e a prosperidade.

Basta que escreva o seu nome e direcção completos e legíveis, dando ao mesmo tempo a sua data de nascimento e dizendo se é Sr. ou Sra. (casada ou solteira?). Não precisa mandar dinheiro, mas se quiser pode incluir 2$50 para cobrir as despesas de porte e de expediente. Não guarde para ámanhã. Escreva já. Endereço: ROXROY STUDIOS, Dept. 6630 B, Emmastraat 42, A Haya, Holanda. Sêlo para a Holanda: Esc. 1$75.

Nota. O Prof. Roxroy é tido em grande estima pelos seus numerosos clientes. Êle é o mais antigo e conhecido de todos os Astrólogos do continente, pois há mais de 20 anos que vive e trabalha no mesmo lugar. A confiança que se teh pode dispensar é garantida pelo simples facto de todos os trabalhos, pelos quais êle pede uma remuneração, serem feitos sob condição de satisfação completa ou reembôlso do dinheiro pago.

fémina

A grande revista feminina portuguesa

Apresenta todas as sextas-feiras os mais recentes modêlos de vestidos e de chapeus, tratando sempre de todos assuntos que interessam às Senhoras.

Á VENDA EM TODO O PAÍS

24 páginas com muitas gravuras a côres—Capa a côres

Esc. 1$50

CINE-JORNAL

GRANDE SEMANÁRIO CINEMATOGRÁFICO

Director: FERNANDO FRAGOSO
Editor: ALVARO MENDES SIMÕES

Propriedade da Sociedade de Revistas Gráficas, Lda

Redacção e Administração: T. da Condessa do Rio, 27
Telefone 2 1268 e 2 1227

Comp., Impressão e gravuras BERTRAND (Irmãos), Lda
Trav. da Condessa do Rio 27—Lisboa

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

PORTUGAL

52 números	1 ano	48$00
25 »	6 meses	24$00
12 »	3 meses	12$00
Estrangeiro e Colónias, 52 num.	1 ano	65$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Que estranho SEGRÊDO conhece êste HOMEM

Êle garante dar-lhe

A Beleza Que Seduz Os Homens

— EM ALGUNS DIAS

Deseja fazer um bom casamento êste ano? Quere ter o género de beleza ao qual poucos homens resistem? Sim?... Então retenha bem cada palavra desta mensagem.

Graças a uma fórmula nova e surpreendente, descoberta por um célebre sábio, pode agora ter, em alguns dias, a beleza que tanto deseja. Esta recente e notável descoberta é tão eficaz que produz alterações quási que milagrosas, mesmo numa pele manchada, feia e enrugada.

Esta misteriosa substância está agora contida no Creme Tokalon. Aplique simplesmente o Creme Tokalon, Alimento para a Pele, Côr de Rosa, à noite, antes de se deitar. Êle alimenta, rejuvenesce e aclara-lhe a pele durante o sono. Depois aplique o Creme Tokalon, Alimento paa a Pele, Côr Branca (não gorduroso), de manhã. É branqueador, tónico e adstringente — suprime os poros dilatados, pontos negros, manchas, etc..

Se deseja ter uma nova beleza — se quere ser sedutora aos olhos dos homens — comece, já hoje, a empregar o Creme Tokalon. Por pior que possa estar a sua pele, ficará surpreendida e encantada com os resultados. O sucesso é garantido, ou então, será reembolsada do seu dinheiro.

À venda em todos os bons estabelecimentos. Não encontrando, dirija-se à Agência Tokalon, 88 Rua da Assunção, Lisboa, que atende na volta do correio.

Bronzisol

M.ª CAMPOS

Uma epiderme de tonalidades ou de côr naturalmente iodada dá ao rosto uma beleza que o moreno natural, muitas vezes não consegue. Há peles, porém, que acusam estragos pelo exposição ao sol. Assim o ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA, lançou um produto cujo agrado e aceitação têm sido patentes e que, dando à pele a côr bronzeada, exacta e natural, tal como os raios solares, o preserva simultâneamente do sol. O duplo valor dêste produto é aumentado pelo circunstância de não ser oleoso e permitir o «maquillage» habitual. BRONZISOL não deixará desvanecer-se do epiderme, essa linda côr doirada e quente que o verão e a praia emprestam a cada rosto.

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Avenida do Liberdade, 35 — LISBOA

Não vá. Telefone!! Aproveite estes dias de calor para não vir à cidade — e resolver todos os assuntos «telefonando».

A Companhia dos Telefones — Rua Nova da Trindade, 43 — tem preços especiais á escolha de cada um. Peça informações por escrito — e será atendido imediatamente.

O papão do "mau cinema,,

(Conclusão da pág. 10)

obrigação, a maior parte das vezes borracheiras anacrónicas...» — «*A revisteca, a farsa de borra intelectual* e o *drama folhetinesco, são ainda o repasto normal do público. Raras vezes aparece coisa de jeito. Invenções pobres, apenas estimulam tacanho pensamento*».

Para terminar, uma afirmação, desafiando desmentidos: A Liga Portuguesa de Profilaxia Social nunca se pronunciou em globo contra o teatro ou contra o cinema, cujo importante papel social e educativo — desde que se trate de *bom cinema* e de *bom teatro* — compreende e exalta.

Tôda a actuação da Liga neste campo se encontra referida no último resumo semestral publicado na Imprensa, nos seguintes termos: — «Outra campanha da Liga que tomou agora todo o seu incremento, é a relativa a assistência de menores a espectáculos cinematográficos. Conforme ficou relatado no resumo correspondente ao semestre anterior, não é só de agora, mas data já de alguns anos, o interêsse desta Liga pelo assunto. Começámos por erguer protestos isolados, quer junto das autoridades e entidades a quem o assunto interessa, quer por meio da Imprensa, ou em conferências públicas, contra os perigos que para a saúde tais espectáculos oferecem — ar confinado, acção sôbre os nervos, etc., etc., — e contra a escabrosidade ou sensualismo extremo de muitas películas: em breve, porém, reconhecemos que a resolução do problema necessitaria duma campanha mais vasta, e para bem a prepararmos empenhámo-nos então em reünir informações tão completas quanto possível sôbre os estudos realizados no estranjeiro a tal respeito e sôbre a legislação dos vários países».

«Para tal fim se dirigiu a Liga aos representantes diplomáticos de Portugal no estranjeiro e das outras nações em Portugal, e reüniu assim um material copioso, com o qual, uma vez estudado, iniciou agora a sua campanha na Imprensa. Até Dezembro findo foram publicados quatro artigos de propaganda, resumindo, o primeiro, o largo inquérito promovido por cientistas das Universidades norte-americanas de Chicago Iowa, Yale, Pensylvania, Nova Iorca, Colombia e Ohio, cujo relatório a Liga alcançou por intermédio da *American Child Health Association*; compilando, o segundo, as conclusões, sob êste aspecto, do Primeiro Congresso Internacional do Cinema Educativo, que nos foram obtidas pelo sr. dr. Lobo de Avila Lima, Ministro de Portugal em Berne; e resumindo, o terceiro e o quarto a legislação inglesa e dos países afins. Os artigos ulteriores ocupam-se do relatório sôbre a censura cinematográfica nos Estados Unidos, elaborado pela Repartição das Crianças *(Children's Bureau)* do Departamento do Trabalho, cuja cópia foi muito obsequiosamente obtida para a Liga pelo sr. Leslie A. Davis, cônsul no Pôrto dos Estados Unidos da América do Norte, da regulamentação da assistência de crianças a espectáculos cinematográficos nos vários cantões da Suiça, da lei belga sôbre o mesmo assunto, etc.; em seguida ao que a Liga se propõe realizar um inquérito junto dos higienistas, médicos especializados (oftalmologistas, tisiólogos, etc.), e educadores e juristas mais autorizados do país, pedindo-lhes para devidamente se pronunciarem. Êstes pareceres serão depois, por igual modo, difundidos pela Imprensa.

«Foi por isso com natural regosijo que a Liga soube ter o sr. dr. José Cabral apresentado na Assembleia Nacional um projecto de lei em que já se inclui a proibição de assistência de crianças de menos de 14 anos aos espectáculos destinados ao público adulto em geral, constando-nos ainda que os Ex.mos Srs. Ministros da Justiça e do Interior se estão, por igual, ocupando activamente do assunto. Já oficiámos àquele parlamentar, felicitando-o e incitando-o a alargar o seu projecto, quando fôr discutido, até ao máximo de benefícios que seja possível efectivar entre nós, em defesa da saúde e da formação moral da mocidade portuguesa; mas continuaremos a nossa campanha, que nos parece de tôda a utilidade para elucidar e preparar a opinião pública, e assim combater a reacção que alguns egoismos e interêsses feridos certamente vão desencadear. Desde já registamos igualmente, com grande júbilo, os aplausos que por esta iniciativa têm chegado até nós, dentre os quais destacaremos o da ilustre parlamentar dr. D. Domitila de Carvalho, do Professor sr. Alfredo de Silva e, bem assim — embora excedendo um pouco os limites cronológicos dêste resumo — as *Notas*, que sôbre o mesmo assunto publicou, com bondosas referências à actuação da Liga, o conceituado jornalista Paulo Freire, no *Jornal de Notícias*, desta cidade».

Eis aqui, pois, o *crime nefando* da Liga de Profilaxia Social: pretender a higienização, sob todos os aspectos, do cinema e do teatro. E por tudo isto avaliará V. Ex.ª também das «qualidades críticas» e das «possibilidades analíticas» do sr. Carlos Moreira, seu correspondente no Pôrto.

Rogando a V. Ex.ª o obséquio da publicação desta carta.

Somos, etc.

(a) *António Emílio de Magalhães*
Gil da Costa

CINE-JORNAL

ANO 1.º — N.º 44 — 17 DE AGOSTO DE 1936 — SAI TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS — 16 PÁGINAS — PREÇO 1$00

«CINE-JORNAL» É A MELHOR REVISTA PORTUGUESA DE CINEMA